

## PASSAGEM PARA UM CERTO ORIENTE

MILTON HATOUM  
Universidade do Amazonas

A lembrança mais remota da presença do Oriente na minha infância vivida em Manaus remete-se a um espaço e a um corpo. O espaço chamava-se Pensão Fenícia; o corpo é o de um homem idoso, um libanês cujo nome revelava uma forte ressonância islâmica.

A pensão Fenícia situava-se perto do porto de Manaus e abrigava pessoas em trânsito: brasileiros e imigrantes portugueses e orientais que moravam no interior do Amazonas desde o início do século. Pessoas de passagem que deixavam rastros na imaginação de quem morava na Pensão Fenícia. Eram viajantes, por isso tinham o que contar, como nos lembra Walter Benjamin. Esses vestígios eram de vozes que contavam histórias, anedotas, lendas e fábulas de dois mundos que eu desconhecia, mas imaginava: o Amazonas e o Oriente. Entre tantas vozes que ecoavam na Pensão, havia uma que se destacava: a do avô e patriarca da família; era a voz de um homem cansado de viajar.

Como acontece com muitos imigrantes, sua vida tinha sido uma sucessão de peregrinações. Costumava dizer aos filhos uma frase que escutei mil vezes: O acaso quis que vocês nascessem em Manaus, e não em Lisboa, Dakar ou Trípoli.

Quando deixamos a Pensão Fenícia para ir morar num pequeno sobrado, alguns objetos nos acompanharam: um tapete, um mapa do Oriente, um narguilé e alguns livros. Conosco veio também uma mulher, uma índia aculturada chamada Ninfa. Naquela época não pensava que essas duas pessoas, muitos anos depois, seriam reinventadas: mescladas com outros parentes e amigos, seriam transformadas em personagens de ficção. O patriarca Mohamed Ali Assi e Maria do Carmo, a Ninfa, tinham em comum uma tradição milenar: ambos eram exímios narradores orais; por isso, muitas noites de uma cidade provinciana foram, para mim, menos tediosas. Sob a parreira de um pequeno pátio interno, eu escutava alternadamente histórias do Oriente e da floresta amazônica. Falavam em português, mas com uma sintaxe e entonação esquisitas, de modo que aquelas duas pessoas, tão próximas de mim, pareciam-me às vezes duplamente estranhas. O sotaque acentuado, as variações de entonação e o uso de expressões inusitadas me impressionavam menos do que o teor do discurso. Um discurso que encerrava símbolos emblemáticos, sob os quais o Outro começava a ser percebido e concebido: Alguém exótico, proveniente de um alhures desconhecido.

Relembrar aquela sucessão de encontros entre um narrador e uma criança, talvez seja uma maneira nostálgica de me situar diante da consciência exótica da alteridade. Exotismo e infância é um dos temas abordados num belo livro de Victor Segalen<sup>1</sup>. "Tudo o que a criança vê é exótico", afirma o escritor francês. "Para a criança, o exotismo e o mundo exterior nascem ao mesmo tempo: ela assimila a sensação do alhures no seu próprio espaço e vive intensamente no vasto mundo constituído por sua casa"<sup>2</sup>. Nesse espaço/tempo que é a casa da infância nasce o sentimento que nós temos do *Diverso*: gênese do mundo exterior, percepção do *Outro*, abertura para o infinito. Na Pensão Fenícia e na outra casa da infância, o Oriente era algo ao mesmo tempo muito próximo e muito distante de mim. De certo modo, eu convivía com um Oriente real, revelado através de crenças e conflitos religiosos, da comida, do comportamento e hábitos sociais e da língua árabe. Esse Oriente, com seus dramas e tragédias familiares, era real demais para ser sonhado ou imaginado. O outro Oriente me foi revelado

---

<sup>1</sup> Victor Segalen, *Essai sur l'exotisme*. Paris, Fata Morgana, 1978.

<sup>2</sup> Victor Segalen, op. cit., p.54.

por um narrador oral: um homem que contava histórias extraídas de alguns livros; algum tempo depois, descobri que essas aventuras narradas continham passagens da vida de parentes que não conhecia e jamais iria conhecer. Naquelas noites da infância, bastava olhar para o narrador e ouvir suas palavras para que o mundo se pusesse em movimento. Um mundo distante e singular que o poder da palavra era capaz de transformar em fábula. Imaginei palácios magníficos habitados por califas, concubinas e vizires; acompanhei uma longa peregrinação de um xeque cego do sul Líbano em direção à Meca; visualisei duelos e combates acirrados, cenas de brutalidade e crueldade; conheci personagens de nomes estranhos e inesquecíveis, como Ajib e Gharib, nomes que nos remetem à noção de maravilhoso e extraordinário. Eu tentava localizar nos mapas as cidades, as regiões e os desertos por onde andavam viajantes, militares, escroques e mercadores; tentava, enfim, imaginar o espaço evocado pelo narrador, mas esse rastreamento guiado pelo olhar só aguçava minha curiosidade. O mapa é o simulacro de um território inalcançável: um desenho que excita a visão, mas cuja função é essencialmente metonímica<sup>3</sup>. Simulacro de uma geografia que eu apenas imaginava, o mapa (ou aquele mapa da infância) era mais um convite à viagem. Viajem imaginária a um Oriente distante e desejado, ou desejado porque longínquo.

Em 1968, uma outra viagem, dessa vez real, me distanciou do Oriente com que até então convivera. Distanciar-se da terra natal nem sempre significa romper abruptamente com o passado: às vezes a memória e o sonho nos fazem regressar, ainda que a contragosto; outras vezes o viajante volta a essa terra e percebe que já não é a mesma, porque ele, viajante, já é outro. A viagem em si, como assinala Mircea Eliade, dá para uma espécie de iniciação, pois permite renascer o *Outro* e o *Alhures*. Ela é ao mesmo tempo busca de uma descoberta e de um novo saber; para mim, significou também a busca de um espaço afetivo marcado de imagens, de valores sentimentais e de um discurso. Eu pensava que ao sair de Manaus desembarcaria um dia em algum porto do Oriente. Lembro-me de dois versículos do Alcorão que sentenciam algo assim: Deus concebeu a Terra como um tapete para que a percorresseis por caminhos espaçosos. Esses caminhos me conduziram a sete cidades dos dois hemisférios; não eram cidades orientais, mas em algumas conheci (ou reconheci) um pouco do Oriente através da escrita. Quando estudava arquitetura na USP, cursei algumas disciplinas da Faculdade de Letras, onde tive a oportunidade de conhecer a obra de vários escritores hispano-americanos, inclusive (e sobretudo) a de Jorge Luis Borges. O que mais me impressionou na obra de Borges, antes mesmo de me deslumbrar com o Oriente que ele comenta e inventa em seus ensaios e ficções, foi a linguagem, uma linguagem que combina imaginação e exatidão, ou exatidão na imaginação. Numa de suas **Lições Americanas, (Lezioni Americane/Sei Proposte per il Prossimo Millennio)**<sup>4</sup>, Italo Calvino menciona a obra de Borges numa conferência intitulada *Exatidão* (*Esattezza*). Antes de desenvolver o tema de sua conferência, Calvino resume o que ele entende por *Exatidão*:

- 1) Um desenho da obra bem definido e bem calculado.
- 2) A evocação de imagens visuais nítidas, incisivas, memoráveis. (Calvino emprega o adjetivo "icástico", de origem grega, para reiterar essa definição)
- 3) Uma linguagem tão precisa quanto possível no que refere ao léxico e à sua capacidade de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação.

A linguagem borgeana, exata e precisa, encerra entretanto uma secreta complexidade; por isso, a leitura da obra de Borges "é sempre uma arte da decifração, movida por uma inabalável curiosidade intelectual, pressupondo uma idêntica atitude inquisitiva diante dos livros e do universo"<sup>5</sup>. Essa arte da decifração me remete a um conto em que um dos personagens, Paracelso, diante de um desconhecido, que o procura, diz o seguinte: "Recuerdo caras del Occidente y caras del Oriente... No recuerdo la tuya. Quién eres y qué deseas de mí?"<sup>6</sup>. Esse personagem desconhecido é, na verdade, o discípulo que Paracelso procurava. Não é a transformação da pedra em ouro que interessa ao discípulo, e sim a aprendizagem da Arte. Arte da alquimia e arte do conhecimento através da escrita: "Hablo de la Palabra que nos enseña la ciencia de la Cábala", afirma Paracelso. Alquimia da escrita: por essa lenta transformação passa o leitor de Borges, que participa dessa curiosidade intelectual, procurando - ou melhor - seguindo as pistas que o levam a um caminho que muitas vezes se bifurca ou termina

---

<sup>3</sup> Francis Affergan, *Exotisme et Altérité*, Paris, PUF, 1987.

<sup>4</sup> Italo Calvino, *Lezioni Americane (Sei proposte per il prossimo millennio)*, Garzanti, 1988.

<sup>5</sup> Davi Arrigucci Jr., *Enigma e Comentário*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> Jorge Luis Borges, *La Rosa de Paracelso/Tigres Azules*, Madrid, Editorial Swan, 1986.

num labirinto. Nesse labirinto situa-se o Oriente borgeano, que foi (e continua sendo) para mim, um lugar de peregrinação. Ou seja, para a minha experiência de leitor e de escritor esse contato com o Oriente comentado e inventado por Borges foi fundamental. Curiosamente, eu comecei a me interessar pela obra de alguns orientistas depois de ter lido um autor hispano-americano. Esses orientistas conceberam o Oriente como um museu imaginário, isto é, produziram várias modalidades de discursos que, segundo Edward Said, domesticaram um saber para o Ocidente, através de códigos, regulamentos, classificações, gramáticas e traduções que no seu conjunto formam um simulacro do Oriente e o reproduzem materialmente no Ocidente e para o Ocidente"<sup>7</sup>.

Ao comentar as várias traduções inglesas, francesas e alemãs das **Mil e Uma Noites**, Borges critica o Orientalismo e reinventa algumas noites que são ao mesmo tempo orientais e borgeanas. Sem desmerecer a importância dessas traduções e o talento dos tradutores, ele enumera os estereótipos orientais fabricados pelo imaginário europeu, e mostra como esses estereótipos foram assimilados ou alterados nas diferentes versões das **Mil e Uma Noites**.<sup>8</sup> Não seria exagero supor que vários relatos *orientais* de Borges foram contaminados pela leitura dos orientistas europeus e, evidentemente, de autores árabes. Comentar a tradução de Antoine Galland ou um texto de Attar, significa, no caso de Borges que "o comentador não é só o antecedente do crítico, mas também do narrador e até do poeta. Se a leitura está na raiz da invenção borgeana",<sup>9</sup> foi exatamente a leitura de algumas leituras sugeridas por Borges que me propiciou um conhecimento do Oriente. Um Oriente simbólico, presente tanto nos comentários das traduções como em alguns contos do livro **El Aleph** e em certos textos "híbridos", em que o leitor não divisa a fronteira entre a ficção e o ensaio. Além disso, um dos tantos prólogos de Borges me despertou o interesse pela prosa narrativa de Marcel Schwob, um escritor francês importante, mas pouco conhecido. Depois de ter traduzido um livro de contos de Schwob ambientado no Oriente<sup>10</sup>, percebi que essa tradução fora uma homenagem sincera, ainda que modesta, de um leitor anônimo ao grande escritor argentino.

Com essas pistas de leituras deixadas por Borges, viajei como bolsista para a Europa, onde tive a oportunidade de conhecer alguns arabistas espanhóis e franceses, assim como a tradução de várias obras da literatura árabe: os relatos de viagem de Ibn Batutta, a narrativa lírica e erótica de Ahmed Tifachi e Nafzawi, a mística muçulmana de Ibn Al Farid, textos com os quais alguns poetas e romancistas espanhóis vêm mantendo um diálogo fecundo.

Os romances **Makbara** e **Las Virtudes del Pájaro Solitario** de Juan Goytisolo, são exemplos relevantes desse diálogo da literatura espanhola contemporânea com uma tradição hispano-árabe. Se por um lado, a poética de San Juan de la Cruz norteia a estrutura do romance **Las Virtudes del Pájaro Solitario**; por outro lado, a poesia sufi, com sua linguagem sutil e enigmática, imprime em várias passagens do texto uma atmosfera de êxtase místico. Esta é uma das virtudes do narrador solitário: saber transformar a linguagem dos pássaros num mosaico literário: diálogo de culturas e invenção paródica.

O fato de ter morado mais de um ano na Espanha estimulou meu interesse pela literatura de um certo Oriente. Interesse que derivava, em grande parte, da leitura da obra de Borges; mas na minha experiência de leitor e observador de um espaço mediterrâneo próximo do Oriente, eu sentia que buscava uma dimensão simbólica de um mundo distante no tempo e no espaço; busca de uma origem talvez perdida, ou rarefeita pelo tempo e pela distância. Quando estamos muito perto do que queremos ver, perdemos a noção do conjunto: o olho colado ao objeto não vê nada, ou pouco vê. A distância excita a memória e nos permite experimentar sensações, tecer reflexões sobre um mundo supostamente decifrado. Assim como no tempo da infância, em que o sentimento exótico é latente, a ausência e a distância que nos separam da terra natal reanimam esse sentimento exótico. O conhecido torna-se nebuloso; o que nos era familiar torna-se às vezes estranho. O outro, outrora tão íntimo, passa a adquirir uma qualidade imaginária próxima da ficção. Mas a distância da terra natal é também problemática. Um de seus dramas é a ameaça fantasmática da perda. As vezes essa perda é enigmática: "perda do

---

<sup>7</sup> Edward Said, **Orientalism**, New York, Random House, 1978.

<sup>8</sup> Jorge Luis Borges, **Obras Completas**, (vol.I), Barcelona, 1980.

<sup>9</sup> Davi Arrigucci Jr., Op. cit.

<sup>10</sup> Marcel Schwob, **A Cruzada das Crianças**, Iluminuras, São Paulo, 1988.

desconhecido" ou "perda sem objeto perdido"<sup>11</sup>. Mas foi a notícia de uma perda real que me enlutou quando morava na Espanha: o desaparecimento de uma pessoa amada, a morte de um velho narrador em Manaus. Essa perda adiou minha viagem ao Oriente, mas me estimulou a fazer uma outra, só que desta vez imaginária. Viagem que é também desejo, no sentido amplo que o verbo desejar evoca. Desejar (do latim *desiderare*) e considerar têm a mesma raiz latina (*sidus*), que significava na Idade Média, observar um astro com a finalidade de pressagiar. Desejar pode, então, ter o sentido de lamentar uma ausência e esperar seu regresso. Viagem que se materializa por meio de signos e símbolos, a literatura tenta preencher esse espaço em branco, essa ausência ou perda de algo do passado. O meu relato tenta recuperar e reinventar uma voz perdida num pequeno espaço chamado Fenícia, na longínqua Manaus. Mas essa voz é também plural: diálogo de vozes entre narradores do Ocidente e do Oriente que me ajudaram a inventar, ao longo de vários anos, uma história de um certo Oriente.

---

<sup>11</sup> Olgária Matos, *A melancolia de Ulisses*. In: **Os Sentidos da Paixão**, vários autores, Companhia das Letras, São Paulo, 1987.